



GT 12. Antropologia das Relações Humano-Animal

Coordenador(es):

Andréa Barbosa Osório Sarandy (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Pragas, peçonhas e animais hostis

Debatedor/a: Ana Paula Perrota Franco (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Conservação, tempo e espaço nas relações humano-animais

Debatedor/a: Jean Segata (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Predação, proteção e trabalho animal

Debatedor/a: Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal “real”; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tração, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislação, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

?Eu reconheço minhas conduruas? ? Relações entre caranguejos e humanos na comunidade quilombola Mangueiras ? Marajó ? Pará.

Autoria: Rafael Paiva de Oliveira Diaz (UFPA - Universidade Federal do Pará)

A comunidade quilombola de Mangueiras na ilha do Marajó, município de Salvaterra, é margeada por manguezais, sendo estes uma barreira física que traz segurança e possibilitou a esta comunidade manejar a vida neste ambiente. A comunidade de Mangueiras é subdividida em bairros, O Japiim, está localizado bem próximo ao mangue e possibilita aos seus moradores praticar o manejo/extratativismo de caranguejos, de siri, de caramujos, do camarão, do turu e etc. Por sua vez, o caranguejo figura como ser de complexa interação entre humanos e não-humanos, dá alimentação a vida religiosa, este Decapoda nutre o imaginário e as narrativas do lugar. Outro fator importante que vem se apresentando na relação de humanos e manguezais é uma expansão desse ambiente ao longo dos estuários amazônicos. Logo, pretende-se aqui, observar quais relações entre os humanos e os caranguejos perpassam por práticas que venham contribuir à expansão dos Manguezais. Este artigo foi constituído com base em narrativas de apanhadores de caranguejo, principalmente Naldo (28 Anos) e Adriano (31 Anos), primos, que desde a infância residem nas proximidades do mangue e praticam o extrativismo do caranguejo. De acordo com estes rapazes o objetivo principal de



manejar o caranguejo é para que cada vez ele esteja mais próximo as suas casas, como relata Naldo: ?Eu reconheço minhas conduruas?, se referindo a condurua (caranguejo fêmea) como sua. Foi ele quem a encontrou no mangue e cuidou para que ela não fosse apanhada. Depois disso soltou-a próximo a sua casa, para que pudesse observá-la mais de perto. Esta prática se dá sempre que são encontradas "conduruas ovadas", ou seja, fecundadas. Na comunidade acredita-se que, assim, elas irão desovar na região em que são depositadas, conseqüentemente, irão povoá-la com mais caranguejos. A população de Mangueiras muito sabe sobre as utilizações dos seus recursos naturais, conhecimento indispensável ao seu modo de vida. O manejo do recurso na comunidade se dá de forma integrada entre os diferentes seres que o habitam. Vi várias vezes, por exemplo, nas pescarias os peixes menores sendo soltos com os dizeres ?daqui a pouco ele tá maior e vem bater na minha rede de novo!?. Ou, como me disse Naldo e seu primo Augusto, quando conversávamos sobre extrativismo de caranguejo, o que despertou o interesse de aprofundar a reflexão sobre esta relação.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: